

O DISCURSO SEXISTA NA MAÇONARIA

(THE SEXIST DISCOURSE IN FREEMASONRY)

José Roberto Basílio Souza ¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as relações sociais de sexo existentes na maçonaria capixaba. Um breve relato sobre a instituição pesquisada nos coloca frente a uma organização administrativa com procedimentos únicos e peculiares que merecem toda nossa atenção para compreensão de sua tão antiga e persistente forma subsistente no âmbito das administrações. Referendados nos estudos sobre gênero de Judith Butler, Guacira Lopes Louro e Joan Scott sobre heteronormatividades e performatividades e por meio de pesquisa qualitativa promovemos entrevistas com perguntas semi-estruturadas com vinte e três pessoas participantes de instituições maçônicas no Estado do Espírito Santo. Com base na Análise de Discurso foucaultiana encontramos várias "mulheres", com significados múltiplos e difusos. O surpreendente resultado foi o encontro de objetivos e ideais congruentes nos aspectos voltados para a formação familiar e social e o distanciamento da discussão sobre patriarcado, submissão, gênero e diferenças sexuais.

Palavras-chaves: Gênero; Sexo; Maçonaria; Discurso.

Abstract

This article aims to analyze the social relations existing in sex capixaba Freemasonry. A brief account of the research institution puts in front of an administrative organization with unique and peculiar procedures that deserve all our attention to understanding its as old and persistent livelihood within the administrations. Referenced in gender studies Judith Butler, Guacira Lopes Louro and Joan Scott on heteronormativities and performativities and through qualitative research interviews with semi-structured questions promote twenty-three people participating in Masonic institutions in the State of Espírito Santo. Based on the analysis of Foucault's Speech find several categories "women" with multiple and diffuse meanings. The surprising result was the finding of congruent goals and ideals in aspects related to family and social formation and detachment from the discussion of patriarchy, submission, gender and sexual differences.

Keywords: Genre; Sex; Masonry; Speech.

¹ José Roberto Basílio Souza é Mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo e membro da GL-MEES. E-mail: jrbasiliodesouza@gmail.com

1. Sexo e Gênero

Os movimentos subjetivos e assimétricos das relações sociais que envolvem homens e mulheres nas organizações, seja pela divisão sexual do trabalho, seja pelas relações sociais de sexo, acabam por gerar também impactos ligados à relação de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). Para ECCEL (2010) os ambientes organizacionais são fortemente marcados pela masculinidade e o campo da Administração foi construído sobre este alicerce. Assim são colocados os pressupostos dominantes concebidos e marcadamente sustentados e valorizados pela presença masculina afetando os indivíduos nas organizações maçônicas. Logo a presente pesquisa pretende conhecer e verificar a efetividade dessas afirmações no meio a ser pesquisado: A Maçonaria.

Até o século XVIII existia um único gênero, a anatomia dos corpos não era suficiente para marcar a diferenciação categorizada em masculino e feminino. Tanto homens quanto mulheres compartilhavam do mesmo gênero. Embora as diferenças existissem não se baseavam no biologismo sexual. Mulheres e homens eram iguais. O corpo da mulher era considerado o mesmo do homem, porém com os órgãos genitais introvertidos no corpo e a mulher, de corpo mais frágil e fraco fisicamente, passou a receber a incumbência de cuidar da família e assumiu de vez a função reprodutora de ser mãe (LAQUEUR, 2003).

Para Beauvoir (1980) e Devreux (2005) há uma rejeição sistêmica à igualdade. Contudo, surgem as críticas sobre o pensamento de que o homem é agraciado com uma melhor capacidade de raciocínio, de intelectualidade, uma maior força física, e às mulheres é atribuída uma racionalidade mais limitada em relação ao homem, com reação extremamente afetiva e emotiva, temperamentais. A mulher é estigmatizada devido à sua constituição física, que a "enfraquecia" caracterizava a chamada "inferioridade biológica da mulher" (SCHELSKY, 1968, p. 38).

Ainda no século XVIII na França com o lema Liberdade, Igualdade e Fraternidade, desponta a necessidade de classificar esses seres, até então considerados iguais, em masculinos e femininos. Essa classificação se enfatizou com o fortalecimento do capitalismo e a necessidade de divisão social do trabalho nas fábricas produtivas, onde corpos fracos produziam menos e consequentemente recebiam salários menores. O surgimento do Estado juntamente com a necessidade de responsabilização pessoal pelos atos de cada um e o capitalismo originou as classificações

sob o significado de gênero concebido em masculino para homens e feminino para mulheres (SOUZA; CARRIERI, 2010).

Nesse novo sistema homens e mulheres tornam-se opostos com diferenças acentuadas nos conceitos que classificam tanto um quanto outro. Devreux (2005) inicia sua abordagem discutindo sobre as questões francesas de que gêneros e relações sociais de sexo não são conceitos opostos, porém também não são sinônimos. Devreux (2005) considera a referência biológica essencial para sua abordagem teórica, pois a classificação do indivíduo passa a existir nesse momento e ainda faz uma crítica à redução feminista da classificação de sexo e gênero quanto à presença ou não do pênis (falo), assim gênero é marcado pela presença peniana. Para Devreux (2005) a dinâmica nesses movimentos entre dominação e submissão dos homens sobre as mulheres não implica em mudança e progresso social como resultado da relação de forças entre os dois grupos.

O progresso social em favor das classes trabalhadoras não significa, automaticamente, o progresso em favor das mulheres, enquanto mulheres dominadas pelos homens: a degradação do mercado de trabalho, por exemplo, frequentemente conduz a uma degradação acentuada no nível de emprego para as mulheres, pelas desigualdades de sexo e pela inferiorização social das mulheres (DEVREUX, 2005, p. 574).

A dinâmica dessas relações sociais de sexo deixou claro que os lugares ocupados pelos homens e pelas mulheres, na divisão sexual, permitiram responder como se reproduzem ou se formam as práticas sociais. O antagonismo é disfarçado porque, ao mesmo tempo, que existe enquanto categorias (homens/mulheres) os interesses se acoplam na educação dos filhos, no desenvolvimento econômico da família, os objetivos comuns passam a ser considerados como um núcleo de átomos próprios. Essa classificação aceita por Devreux é firmemente criticada por Butler (2010) que defende o pensamento de que a criança ao nascer já recebe o timbre de macho ou fêmea num discurso prévio e assim desencadeia-se uma série de performatividades a serem impostas e ensinadas àquela criança. Assim, para Butler (2010) tanto sexo quanto gênero se alicerçam sobre a cultu-

ra predisposta e antecipada pelo sexo. Eccel, Flach e Oltramari (2007) também defendem o pensamento de que gêneros são papéis ocupados pelos indivíduos nas sociedades marcados fortemente pela diferença sexual entre homens e mulheres.

Inicialmente as justificativas para esta divisão baseavam-se nos aspectos biológicos para justificar que a mulher, por ser quem gesta os filhos, carrega instintos de cuidar da prole; enquanto o homem, por contar com maior força física é mais apto a outras tarefas fora do lar (ECCEL; FLACH; OLTRAMARI, 2007, p. 6)

Louro (2011) confirma esse pensamento, sem, no entanto, concordar totalmente com o mesmo, ao afirmar que: "É por isso que hoje se escreve a 'História das Mulheres' e não uma História dos Homens – afinal essa última é a História 'geral', a História oficial" (LOURO, 2011, p. 54, grifo da autora).

Para Butler (2010) o pós-estruturalismo não deve considerar a distinção de sexo biológico e gênero cultural, para a autora tanto sexo quanto gênero são construções culturais performativas. Isso implica pensar que tanto um quanto outro são partes integrantes do contexto social, histórico, ou seja, dos acontecimentos. Assim entende-se o corpo como fruto de uma produção cultural. Para ser homem ou mulher o corpo sofre influências e ações que designam essas categorias. A pessoa assume performances que vão direcionar suas ações conforme as regras da sociedade. A mulher para se sentir mulher e ser reconhecida como tal pratica uma série de ações que a levam a essa percepção. A produção da beleza, a preocupação com a estética, passa pelas construções do que a sociedade aprova ou reprovaa, do que a sociedade (cultura) recomenda ou rejeita e mais, se sexo e gênero são construções sociais logo estão submetidos às políticas, essa classificação está vinculada a um momento específico que envolve relações de poder e a política não está neutra ou abstraída dessas relações (BUTLER, 2010).

Butler diz: "[...] as fronteiras do corpo se tornam os limites do social per se. [...] as fronteiras do corpo como os limites do socialmente hegemônico, numa variedade de culturas [...]" (BUTLER, 2010, p. 186-187, grifo da autora). Porém estes limites não possuem fronteiras fixas ou rígidas, elas são fluidas, portanto as categorias universais essencialistas dei-

xam de existir, os sujeitos são constituídos de significados de produções culturais, as quais se encontram marcadas por relações de poder (BUTLER, 2010).

Foucault (1979) entende que o poder permeia o ser humano, faz produzir, induz ao prazer, portanto o poder marca genealogicamente o ser, independente de gênero e sexo. Por fim pode-se conceber que, no pós-estruturalismo, vale a multiplicidade e a pluralidade não excludente, que as pessoas são constituídas por subjetividades e diferenças (BUTLER, 2010). Nessa nova configuração, homens e mulheres copiam estilos subjetivos e constroem maneiras alternativas de vida: "[...] em geral não se mostram em estilos completamente opostos, mas em pequenas modificações e adaptações [...]" (ECCEL; GRISCI, 2009 p. 5-6) assim portam-se de maneira difusa e irregular.

Para Butler (2010) masculino e feminino se acoplam. Um constitui o outro, masculino consome feminino e vice versa e este consumir é performático, pois adere a performances específicas, porém não fixas. As mudanças podem se tornar rápidas e constantes, não há estagnação no ser humano, as subjetividades de hoje podem ser remodeladas amanhã, novos valores são desenvolvidos e criados, antigos modos de ser e de agir são constantemente afetados e transpassados dando origens a outros procedimentos e outras subjetividades.

2. Conhecendo a Maçonaria

A Instituição Maçônica pesquisada é a Grande Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo e suas Lojas jurisdicionadas que atualmente conta com 101 lojas espalhadas pelo Estado do Espírito Santo, com mais de 4.000 membros maçons. Foram entrevistadas 23 pessoas entre homens e mulheres, membros de lojas e ou esposas de maçons. Acredita-se ser importante para o leitor conhecer um pouco da maçonaria, inclusive pela clausura que a mesma vive para muitas pessoas da sociedade. A maçonaria é uma instituição iniciática, ou seja, seus membros são recebidos por um ritual de iniciação. Participam da maçonaria apenas homens enquanto as esposas, filhos e filhas podem participar das instituições paramaçônicas, que são elas: os Departamentos Femininos para as esposas; a Ordem DeMolay para os meninos de 12 a 21 anos de idade; os Lowtons para meninos e meninas de 07 a 14 anos; As filhas de Jó para meninas de até 12 anos; a Ordem Internacional das Meninas do Arco-Íris para meninas de 11 a 20 anos; e a Ordem Interna-

cional da Estrela do Oriente para mulher de maior idade e que seja parente de maçom regular (FIGUEIREDO, 1987).

Maçonaria é um termo derivado do francês e significa "pedreiro" o termo freemason pode ser traduzido como "pedreiro livre". Esta associação tem suas raízes nos primórdios das organizações operativas ligadas à construção civil. Os maçons eram pedreiros que conheciam os segredos da construção civil, assim formavam suas associações permitindo a presença somente de conhecedores da arte de construir. Para participarem da associação seus membros se identificavam por meio de toques, sinais e palavras secretas que identificavam inclusive o grau que os mesmos possuíam dentro da organização (mestre, companheiro ou aprendiz). Aqueles que não conheciam esses toques, sinais e palavras não podiam participar das reuniões. Sua origem simbólica está ligada à construção do Templo do Rei Salomão, onde foram empregados pedreiros de alto conhecimento para executar a construção do mesmo. Esses pedreiros estavam divididos em três níveis, os Mestres que sabiam todos os segredos da construção e organizava e admoestava os demais, os Companheiros, pedreiros de nível mediano que já sabiam alguma parte dos ofícios da construção, porém ainda não sabiam tudo e os Aprendizes que formavam um grupo de auxiliares iniciantes que contribuíam nas construções. Atualmente, todos os templos maçônicos são uma réplica arquitetônica do Templo de Salomão, segundo as medidas do mesmo, descritas na Bíblia, aludindo a esta alegoria. Para trabalhar nestas construções era preciso uma condição: força física. Sem força física o pedreiro não tinha como ser produtivo o suficiente para atender as demandas da profissão. Aqui nasce a separação sexual inicial. A mulher, com corpo frágil e força física insuficiente foi rejeitada no meio dos construtores (FIGUEIREDO, 1987).

Até 1723 a maçonaria era operativa, ou seja, seus membros eram exclusivamente pedreiros. Não se permitia membros de outras profissões nem mulheres. A partir de 1717 o Pastor James Andersen, Mestre Maçom e Grande Vigilante da Loja de Londres, foi nomeado para organizar os documentos da maçonaria, sendo que deste trabalho resultou em 1723 a primeira Constituição da Maçonaria. Até então todos os rituais e cerimônias eram transmitidos pela tradição, ou seja, sem escritos ou registros.

A partir de 1723 a Maçonaria torna-se especulativa e passa a aceitar homens de outras profissões e

o simbolismo maçônico passa de construtor civil para construtor social, ou seja, os ensinamentos de pedreiros agora são ensinamentos que podem ser aplicados ao homem social, em especial nas questões da moral e da razão. Sendo Andersen de origem protestante e tendo o luteranismo como base de seus princípios a mulher, nessa reforma, continua relegada ao segundo plano permanecendo fora das fileiras maçônicas (FIGUEIREDO, 1987).

Os instrumentos de pedreiros continuam a fazer parte do simbolismo maçônico, mas agora com finalidades reflexivas quanto ao aperfeiçoamento moral e espiritual do homem. Que instrumentos são estes? O esquadro, a régua, o compasso, o nível, o prumo, o lápis, a corda entre outros. Todos esses instrumentos básicos da construção civil agora são instrumentos filosóficos que fazem alusão à conduta do ser humano, ou seja, o esquadro, por exemplo, que mede os ângulos na construção civil, agora induz o homem a pensar na retidão e razão de suas ações e seus comportamentos, evitando aquilo que socialmente seria indesejável ou nocivo ao bom convívio entre os membros de uma sociedade civilizada. O compasso alude à sabedoria de contornar situações delicadas e saber criar e inovar procedimentos progressivos na construção de uma sociedade feliz e sadia. Assim cada instrumento maçônico traz uma reflexão sobre a moral e a razão para fazer feliz a humanidade, pela liberdade, pela igualdade, pelo aperfeiçoamento dos costumes e pela tolerância à autoridade e à religião (FIGUEIREDO, 1987; GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, 2009a).

Assim a Maçonaria se prontifica a aperfeiçoar o homem em suas dimensões espirituais e sociais e usa para isto a reflexão com base nos instrumentos da construção civil traçando o que consideram aceitável e desejável para uma sociedade progressista e humana.

3. Metodologia

A pesquisa qualitativa baseou-se em entrevistas individuais, com perguntas semiestruturadas. A Análise de Discurso foucaultiana foi forma escolhida para interpretar os discursos apresentados. Os dados foram transcritos e aglutinados de acordo com os objetivos específicos da pesquisa para responder aos anseios dos mesmos e dar uma possível resposta ao problema formulado.

A análise crítica dos discursos oferecidos foi

detalhada, em especial os discursos enunciativos, pois os enunciados ou atos enunciativos são contemplados por Foucault como “uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados [sic], organizados em conjuntos” (FOUCAULT, 2002, p. 8).

Foucault (2002) aprofunda a pesquisa considerando não somente informações textuais, mas as formações construídas nessas relações dentro do ambiente que estudado. “[...] em contraste com a maioria das análises de discurso, este trabalho está interessado não nos detalhes de textos falados e escritos, mas em olhar historicamente os discursos” (GILL, 2002, p. 246).

3.1. Aspectos biológicos

A própria condição biológica também é uma condição cultural. Por quê? Embora pareça uma composição neutra e natural a condição biológica de mulher está alicerçada na matriz heterossexual, que é também uma construção cultural. Para existir “mulher” tem que existir “homem” e isso se manifesta antecipadamente num contexto cultural e político e cujas fronteiras não são fechadas e nem estáveis. No discurso de E06 fica claro essa manifestação do biológico “ah, é muito sublime ser mãe, ser mulher e tal, essa coisa toda”. Neste contexto encontra-se entre os entrevistados, expressões que remetem a aspectos marcados pela capacidade de reprodução humana. No discurso de E18 “primeiro que nós somos gerados de uma mulher”. Ser mãe é uma condição heteronormativa compulsória, ou seja, a mulher não escolhe ser mãe, isso é dado, é natural.

Já para a entrevistada E09: “[...] mulher é dona de casa, trabalha fora, é mãe”, para o entrevistado E20: “Mulher é gênero feminino, mas ser humano como todos nós, e feminino é a essência dotada de capacidade que os homens não têm que é ser mãe”. Assim a heteronormatividade atua como uma matriz de produção de mulheres, onde para ser uma mulher de “verdade” o sujeito tem que ter a capacidade de reprodução sexual, no qual o biológico se instala como precursor de mulher.

Para a entrevista E09 homens e mulheres, na atualidade, evidenciam apenas o sexo biológico e os demais elementos constitutivos das subjetividades, desejos, vontade, capacidades, habilidade já são equiparados: “Eu acho que diferença é só o sexo. [...] Na capacidade já somos iguais. As mulheres buscam isso

né... as mulheres querem isso né...”. O mesmo ocorre para o entrevistado E17: “Diferenças sim. Diferenças físicas, diferenças biológicas, agora não como diferenças de conceito, entre pensamento, entre religião, entre trabalho, entre as demais diversas outras atividades, não existe essa diferença.”

Para estes entrevistados o biológico é marco divisor e diferenciador. **Logo, esse princípio dá sustentação aos processos desencadeados na Maçonaria que definem o posicionamento e lugar de cada ser, segundo o biológico.**

3.2. Aspectos culturais

Nos discursos também se encontram posicionamentos que refletem os aspectos culturais que fundam os conceitos sobre sexo e gênero. Ao exemplo disso tem-se o entrevistado E04: “[...] na maneira de se vestir, na maneira de se comportar, na maneira de falar, no convívio que ela tem e ela expor as suas razões pra você ter o contato com a humanidade com a sociedade dentro do seu parâmetro [...]”. Nesse primeiro discurso a performance de como é ser mulher, com se veste e se comporta se torna um “parâmetro”, ou seja, um campo supostamente fechado que, delimitando o que se pode e o que não se pode, ou o que é permitido e o que não é permitido abre uma discussão ampla, pois inicia uma possibilidade de crítica sobre esses referidos “parâmetros”, ou seja, o termo vem carregado de interditos que pressupõem conceitos anteriormente vislumbrados pelo entrevistado e que abre espaço para uma percepção múltipla de sentidos. Assim os costumes da sociedade influencia os costumes na Maçonaria. Para o entrevistado E14:

[...] e hoje, de uma certa época para cá, ela vem participando mais da sociedade né... até hoje a nossa presidenta hoje é feminina, e eu vejo assim a participação muito intensa, até na área de trabalho, igual o nosso comércio aqui, oitenta por cento aqui é feminino, então eu vejo assim uma participação muito grande da mulher no trabalho, e importante na família, né?

Para este entrevistado a sociedade é o termômetro que indica a capacidade de articulações de “mulheres”. No passado não era assim, o trabalho da mulher produz e é produzido nesse novo contexto. A

mulher deixa de ser massa de manobra e passa a ser constituidores de suas subjetividades (SOUZA; MELO, 2009).

Contudo essas relações sociais de sexo e gênero não se encontram em simetria e trazem de volta a reflexão sobre as tensões de poder entre homens e mulheres (MACEDO et al., 2012). As frequentes tentativas de se igualarem profissionalmente, percebida nos discursos refletem essa busca pela igualdade de capacidade e habilidades pessoais e profissionais que anulam qualquer diferenciação baseada no sexo e no gênero, o que é percebido pelo discurso da entrevistada E02: “[...] Se bem que hoje a mulher tá ali, par a par com o homem, mas nem tudo, nem tudo!” Nesse discurso observa-se o reconhecimento da igualdade regulada, ou seja, a igualdade em alguns aspectos e a não igualdade em outros.

Ao ser perguntado sobre a existência de direitos iguais entre homens e mulheres na instituição pesquisada, o entrevistado E19 anuncia: “Eles buscam muito isso, igualdade fraternidade, buscam muito isso. Mas eu acho que tem uma separação sim, tem uma divisão aí...”. E05 responde:

Porque veja bem: a diferença que eu vejo é aquela que a própria história das sociedades fizeram que acontecesse. Tranquilamente isso aí: a submissão da mulher. Eu não compactuo muito com isso, até pouco tempo pra trás, talvez é... menos de um século atrás... pelo cérebro da mulher ser menor que o nosso disseram que ela era dotada de menos inteligência, e elas já estão provando aí que não é isso, bem que acontece né... [risos] há uma igualdade, uma paridade realmente nisso aí né... são muito mais detalhistas, e etc. e tal. Então a diferença que eu vejo é simplesmente uma diferença cultural. Cultural, é isso que eu entendo eu não vejo nada mais que difira o homem da mulher.

Esse “cultural” também contempla conceitos pré-discursivos que vão reforçar aspectos estudados pelos nossos teóricos no tocante à crítica de produções fundadas especificamente no biológico como também no cultural. Butler (2010) propõe a reflexão que desmonta essa fundação e reinterpreta esses acontecimentos em produções performativas e distanciadas da concepção binária.

Ratificando Louro (2011) nessa análise depara-se com a presença de pluralismo e as individualizações marcando substancialmente um universo multifacetado a ser entendido. Percebe-se pelos discursos analisados, gênero e sexo são performativos e heterogêneos, singulares nas mais variadas formas de constituições possíveis, as fronteiras que cercam esses conceitos e essas classificações categorizadas em mulheres são abertas, transpassadas a todo o momento, não se repetem e nem se moldam a nenhum padrão fixo ou unificado. Pluralidade, e descontinuidades é a regra que permeia o ambiente pesquisado.

4. Relações sociais de sexo no ambiente das Lojas Maçônicas

Judith Butler: “A complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre mulheres” (BUTLER, 2010, p. 12).

Para Butler (2010) não se pode esperar que existam “mulheres”. A percepção de “mulheres” encontrada nos discursos dos entrevistados é difusa, aberta e fragmentada. Difusa porque está permeada de outros conceitos e se entrelaçam com pensamentos múltiplos, ora voltados para o biológico, ora voltados para o gênero cultural, ora para o profissional, ora para a família, ora apenas para os afazeres domésticos, a exemplo pode-se citar a fala da entrevistada E21:

Ah mulher... eu sempre me lembro da sutileza, da doçura, esse jeito feminino que eu vejo assim que hoje está se perdendo, as mulheres hoje estão dinâmicas, à frente de trabalhos, tem que se multiplicar né... trabalha fora, dentro de casa, e não sobra tempo, e está deixando a feminilidade de lado.

Percebe-se que feminilidade aparece como uma série de requisitos, não mencionados, mas implícitos, que a mulher, por se encontrar num mundo dinâmico e múltiplo acaba perdendo a relação com o gênero e passa a ser simplesmente mais um no processo, como que perdendo o próprio significado, nem igual, nem diferente, apenas mais um. Confirmado no discurso consoante de mulheres já não são determinadas pelo sexo, ou seja, mulheres já não têm

sexo estável (BUTLER, 2010).

Quanto à abertura nos discursos apresentados encontram-se percepções expressas nas formações discursivas que revelam uma amplitude de termo que refletem várias possibilidades, como se pode observar para a entrevistada E06: "A mulher tem peculiaridades que o homem não tem [...] ela tem que ser uma profissional muito boa, [...] tem que ser mediadora [...], joga de um lado com o marido, de outro com os filhos, e tem o lado dela, e o da sociedade". Assim tanto "mulheres" quanto "femininas" são construídas paradoxalmente e não assumem resultados fixos e consequentes, ou seja, a multiplicidade gera também uma dispersão nas subjetividades sofridas pelo ambiente e que consequentemente também interferem nesse mesmo ambiente.

A entrevistada E15 confirma de forma semelhante os mesmos conceitos demonstrando que a discussão de sexo e gênero nem sempre interessa a todos os entrevistados e que essas diferenciações podem não representar seus objetivos e posicionamentos. Veja-se:

Entrevistada E15: Mas no feminino? Como assim? Feminino?

Entrevistador: O que você entende por feminino.

Entrevistada E15: Ah... [gesto de ombros de não se importar]

Entrevistador: Você não se preocupa com isso? Você acha que isso é um ponto que não precisa de tanta relevância, não deve ser pensado? Ou deve ser pensado? Como deve ser pensado, no seu conceito?

Entrevistada E15: Essa parte "feminino" aí... vai ficar sem resposta. [risos]

O discurso permite interpretar não um desca-so, mas um posicionamento de não necessidade de conceituar algo presente, porém não significativo para a entrevistada, segundo Butler (2010, p. 29) "esse ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa é – e a rigor, o que o gênero é – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada".

Assim o multiposicionamento dos entrevistados passa também pelo não posicionamento. Aqui a entrevistada está claramente demonstrando que acha

tão natural o que é ser mulher que ela nunca problematizou ser mulher.

Com o entrevistado E18 percebe-se que o conceito gênero pode ser uma complementaridade do outro, mostra que são elementos que se constituem mutuamente, um contém o outro como segue: "O feminino é aquilo que... é o... que o masculino precisa vamos dizer assim, eu acho que o masculino, ele não é completo sem o feminino" (E18). Em contrapartida as afirmações totalizantes do discurso sobre o signifi-cante masculino são controversas em gestos totali-zantes feministas.

Os discursos apresentados ora se voltam para a individualidade, ora para o conjunto marido e mu-lher onde a mulher acaba sendo complemento e bus-cando mais a conciliação do casal, mas em determi-nados momentos os conceitos naturais são distorci-dos e acabam por considerar que existe um gênero biológico, natural, pré-discursivo, algo natural. E17:

Mulher é uma parte do homem, que faz parte do casal, na verdade integra o casal, [...] E o feminino né... é a mulher ser femi-nina... a mulher que não é feminina, eu acho que ela distorce os próprios concei-tos naturais dela. Entendeu?

Para Butler (2010, p. 29) "o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de conver-gência entre conjuntos específicos de relações, cultu-ral e historicamente convergentes". Logo a visão do conjunto ou de sexo e gênero como complemento se torna presente no discurso proferido.

Cabe então observar as formações discursivas não como uma estrutura, mas como um mosaico de subjetividades e contextualizações. Nota-se nesta a-nálise que várias produções podem ser encontradas e que, desde já, percebe-se uma sistemática variação de interpretações e vivências, onde os entrevistados, assim como os conceitos, são múltiplos, fragmenta-dos e individuados, abrindo um espaço muito mais amplo do que o esperado.

5. Considerações finais

Os resultados mostraram que os discursos na produção de Mulheres na Maçonaria passam por vá-rias performances, por várias constituições, por várias subjetividades, e seria possível destacar uma indivi-

dualidade para cada entrevistada(o), e tantas mais seriam encontradas quantas entrevistas fossem feitas. Nota-se que o rizoma que se deflagra em tudo isso é muito maior, ou seja, há influências e traços de patriarcado, de submissão, mas há também interesses convergentes concentrados entorno de objetivos comuns, tais como a agregação familiar, os interesses de um bom convívio social, crescimento e desenvolvimento familiar e econômico, social e por que não acrescentar espiritual, porém cada posicionamento sempre diferente um do outro e performatizado.

As relações sociais de sexo no ambiente pesquisado foram percebidas significativas, porém não assumem o posicionamento central da discussão de sexo e gênero, sendo superadas por outras preocupações que permeiam e transpassam as experiências e os modos de ser e de agir dos sujeitos. Contudo pode-se concluir que os processos de subjetivação estão presentes nas lojas maçônicas e nos departamentos femininos, onde atuam as mulheres participantes da Maçonaria. Os discursos mostraram que há sim performatividades e resistências nessas relações e também que os processos de subjetivação prescritos na tradição maçônica é consistente e canalizam para a separação sexual dentro da instituição e mesmo que isso não acarrete maiores conflitos para os envolvidos, tanto homens quanto mulheres, estão ali presentes, consolidando relações diferenciadas, onde a supremacia masculina ainda impera sob considerações perpetuadas na tradição maçônica. Essas diferenças mesmo que aceitas ou toleradas não podem deixar de serem notadas e questionadas.

Por fim considera-se que as relações sociais de sexo na Maçonaria está além do sexismo, da sexualidade e do gênero. Para a Instituição Maçônica a mulher é um ser e não um produto meramente sexualizado apartado da sociedade, submisso ou subjugado, elas são "SERES HUMANOS" dotados de capacidade de habilidades e de condições de contribuição para uma sociedade melhor e que as Mulheres que a Maçonaria ajuda a constituir e produzir possuem sim as diferenças biológicas e até mesmo as culturais, impostas pela sociedade, mas que independente de sexo e gênero, essas Mulheres são sujeitos importantes e atuantes nas construção tanto da Ordem Maçônica quanto da sociedade como um todo e não é pelo sexo ou pela sexualidade que a Maçonaria julga seus membros, sejam eles homens ou mulheres, mas pelo caráter, pela hombridade, pela capacidade de fazer um mundo melhor para si e para seus semelhantes,

fora isso não há razão para estabelecer diferenciação baseada em sexo ou gênero. Tanto a mulher quanto o homem pertencentes à Maçonaria visam o ser humano e cada um contribui na sua condição biológica e social, independente das classificações ou rotulações a elas colocadas. Para a obra maçônica, não importa o sexo ou o gênero, importa o SER.

6. Referências

- BEAUVOIR, S. *O segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- DEVREUX, Anne-Marie. A Teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília: v. 20, n. 3, p. 561-584, Dez. 2005.
- ECCEL, Cláudia S., FLACH, Leonardo, OLTRAMARI, Andréa P., Relações de Gênero e Flexibilidade no Trabalho de Profissionais de Tecnologia da Informação de Porto Alegre: um Estudo Multi-Caso. *I encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*. Natal: 13 a 15 de jun 2007.
- ECCEL, Claudia S., GRISCI, Carmem L., Trabalho e Gênero: A Produção de Masculinidades na Perspectiva de Homens e Mulheres. *XXXIII Encontro da ANPAD*. São Paulo: 19 a 23 de set 2009.
- ECCEL, Claudia Sirangelo. Estudos de Gênero nas Organizações: Implicações Teórico-Metodológicas. *XXIV Encontro da ANPAD*. Rio de Janeiro: 25 a 29 de Janeiro de 2010.
- FIGUEIREDO, Joaquim Gervásio de. *Dicionário de Maçonaria: seus mistérios, seus ritos, sua filosofia, sua história*. São Paulo: Pensamento, 1987.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*, organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: 9. ed. Edições Loyola, 2003b.
- GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO ESPÍRITO

SANTO (Brasil). *Ritual de Aprendiz Maçom*. Vitória-ES: 2009a.

LAQUEUR, T. *Making sex: body and gender from the greeks to Freud*. 10. Londres: Howard University Press, 2003.

LEADBEATER, C. W. *Pequena história da maçonaria*. Ed. Pensamento. São Paulo, 2000.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: 12. ed. Vozes, 2011.

MACEDO et al., Relações de Gênero e Subjetividade na Mineração. *RAC*, v. 16, n. 2, art. 3, pp. 217-236, Mar. /Abr. Rio de Janeiro: 2012.

PISCITELLI, Adriana. Re-criando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Menzan (org) *A Prática feminista e o conceito de gênero*. IFHC/UNICAMP Nº. 48, 2002.

SCHELSKY, Helmut, *Sociologia da Sexualidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1968.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul. /dez. 1995.

SOUZA, Rosa Maria B. C., MELO, Marlene Catarina O. Lopes., Mulheres na gerência em Tecnologia da Informação: análise de expressões de empoderamento. *Revista de Gestão USP*. V. 16, n. 1, p. 1-16. 2009.

SOUZA, E. M.; CARRIERI, A. P. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *RAM, REV. ADM. MACKENZIE*, V. 11, N. 3, São Paulo-SP, mai/jun 2010.

_____, SOUZA-RICARDO, P. A., O Discurso Nosso de Cada Dia: a Análise do Discurso e o pós-estruturalismo. *XXXII Encontro EnAMPAD*. Rio de Janeiro. 06 a 10 de setembro de 2008.

